

Literatura infantil, tradição oral e práticas de leitura: uma análise de Zé Orfeu e a Viola Mágica

Children's literature, oral tradition, and reading practices: an analysis of Zé Orfeu and the Magic Viola

Literatura infantil, tradición oral y prácticas de lectura: un análisis de Zé Orfeu y la Viola Mágica

Anna Maria Godoy da Silva¹
Madalena Benazzi Meotti²
João Vitor Correia³

Resumo

O presente artigo analisa a obra *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022), de José Domingues, tomando como eixo a relação entre literatura infantil, tradição oral e práticas de leitura literária. A análise parte da compreensão da literatura infantil como manifestação artística e cultural, conforme propõe Cademartori (1986), ao defender o valor estético da obra literária destinada à infância e sua contribuição para a formação do leitor. A narrativa é examinada a partir de seus diálogos com a cultura popular e com a musicalidade, elementos que remetem à tradição oral e à reelaboração simbólica de mitos, aproximando o texto do universo sensível e imaginativo da criança. Apoiar-se em Candido (2011) para sustentar a literatura como direito humano, destacando seu papel na ampliação da experiência subjetiva e na construção da sensibilidade, aspectos fundamentais no contato da criança com o texto literário. No campo das práticas de leitura, o estudo fundamenta-se na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (1978), compreendendo a leitura literária como prática social mediada, na qual a interação entre leitor, texto e mediador assume papel central no desenvolvimento cognitivo e simbólico. A partir dessa abordagem, discute-se o potencial da obra para práticas de mediação literária em contextos escolares e não escolares, especialmente por meio da leitura compartilhada, da oralidade e da musicalização. Conclui-se que a obra *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022) favorece experiências de leitura que articulam tradição cultural, ludicidade e construção de sentidos, configurando-se como objeto significativo para reflexões sobre a formação do leitor na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura infantil; Tradição oral; Práticas de leitura; Mediação literária.

Abstract

This article analyzes José Domingues's work *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022) (*Zé Orfeu and the Magic Viola*), focusing on the relationship between children's literature, oral tradition, and literary reading practices. The analysis is based on an understanding of children's literature as an artistic and cultural manifestation, as proposed by Cademartori (1986), who defends the aesthetic value of literary works intended for children and their contribution to the formation of readers. The narrative is examined based on its dialogues with popular culture and

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNOESTE. Marechal Cândido Rondon/PR, Brasil.

E-mail: godoyanna96@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6199-3333>

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNOESTE. Marechal Cândido Rondon/PR, Brasil.

E-mail: mada1758@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4035-8985>

³ Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNOESTE. Cascavel/PR, Brasil.

E-mail: joaovitorcorreia885@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-6007-873X>

musicality, elements that refer to oral tradition and the symbolic reworking of myths, bringing the text closer to the sensitive and imaginative universe of children. It draws on Candido (2011) to support literature as a human right, highlighting its role in expanding subjective experience and building sensitivity, fundamental aspects in children's contact with literary texts. In the field of reading practices, the study is based on Vygotsky's (1978) historical-cultural perspective, understanding literary reading as a mediated social practice, in which the interaction between reader, text, and mediator plays a central role in cognitive and symbolic development. Based on this approach, the study discusses the potential of the work for literary mediation practices in school and non-school contexts, especially through shared reading, oral tradition, and musicalization. It is concluded that *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022) favors reading experiences that articulate cultural tradition, playfulness, and the construction of meaning, establishing itself as a significant object for reflections on the formation of the reader in contemporary times.

Keywords: Children's literature; Oral tradition; Reading practices; Literary mediation.

Resumen

El presente artículo analiza la obra *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022), de José Domingues, tomando como eje la relación entre literatura infantil, tradición oral y prácticas de lectura literaria. El análisis parte de la comprensión de la literatura infantil como manifestación artística y cultural, tal y como propone Cademartori (1986), al defender el valor estético de la obra literaria destinada a la infancia y su contribución a la formación del lector. La narrativa se examina a partir de sus diálogos con la cultura popular y la musicalidad, elementos que remiten a la tradición oral y a la reelaboración simbólica de los mitos, acercando el texto al universo sensible e imaginativo del niño. Se apoya en Candido (2011) para defender la literatura como un derecho humano, destacando su papel en la ampliación de la experiencia subjetiva y en la construcción de la sensibilidad, aspectos fundamentales en el contacto del niño con el texto literario. En el campo de las prácticas de lectura, el estudio se basa en la perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (1978), que entiende la lectura literaria como una práctica social mediada, en la que la interacción entre el lector, el texto y el mediador desempeña un papel central en el desarrollo cognitivo y simbólico. A partir de este enfoque, se discute el potencial de la obra para las prácticas de mediación literaria en contextos escolares y no escolares, especialmente a través de la lectura compartida, la oralidad y la musicalización. Se concluye que *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022) favorece experiencias de lectura que articulan la tradición cultural, la ludicidad y la construcción de significados, configurándose como un objeto significativo para reflexiones sobre la formación del lector en la contemporaneidad.

Palabras clave: Literatura infantil; Tradición oral; Prácticas de lectura; Mediación literaria.

Introdução

A literatura como direito humano, formulada por Candido (2011), fundamenta a compreensão de seu papel no desenvolvimento afetivo, cultural e social dos indivíduos. Para o autor, a fruição estética constitui uma necessidade universal que organiza emoções e amplia

a visão de mundo, atuando como elemento indispensável à formação do sujeito. Nesse sentido, a literatura infantil assume função humanizadora primordial ao oferecer à criança as primeiras ferramentas simbólicas para interpretar a realidade e exercer a empatia, conforme também defendem autoras latino-americanas contemporâneas como Bajour (2012) e Petit (2009), que associam a leitura literária à construção de subjetividades e à resistência simbólica em contextos de vulnerabilidade.

No âmbito da produção infantojuvenil brasileira, a obra *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022), de José Domingues, destaca-se como um objeto que tensiona as fronteiras entre erudito e popular. Ao promover uma releitura do mito grego de Orfeu sob a ótica da cultura sertaneja, a narrativa estabelece um hibridismo cultural que valoriza a identidade brasileira por meio da oralidade, da musicalidade e do ritmo do cordel. A viola de pinho substitui a lira clássica, e o herói semideus dá lugar ao violeiro nordestino, operando-se uma democratização do acesso ao cânone ocidental.

Apesar do reconhecimento crescente da importância da tradição oral e da mediação da leitura nos estudos sobre literatura infantil, ainda são escassas as análises que articulam, de forma integrada, três dimensões fundamentais: (a) o hibridismo cultural entre matriz clássica e cultura popular; (b) a preservação do estatuto literário da obra frente ao risco do didatismo utilitário; e (c) as implicações desse hibridismo para práticas de mediação da leitura ancoradas na perspectiva histórico-cultural. Diante dessa lacuna, o presente artigo tem como objetivo central analisar *Zé Orfeu e a Viola Mágica* para evidenciar como sua estrutura narrativa, ancorada na tradição oral nordestina e no simbolismo da viola, assegura a qualidade estética da obra (Cademartori, 1986) e, ao mesmo tempo, favorece a mediação da leitura como prática social de construção de sentidos (Vygotsky, 1978; Leite & Barros, 2024).

A fundamentação teórica ancora-se em três eixos complementares. O primeiro, de ordem antropológico-literária, compreende a literatura como direito humano e prática humanizadora (Candido, 2011; Petit, 2009; Bajour, 2012). O segundo, específico à literatura infantil, examina a tensão constitutiva entre liberdade estética e pressão pedagógica, bem como os critérios que preservam o estatuto literário da obra (Cademartori, 1986; Coelho, 2000). O terceiro, de base psicológica e educacional, adota a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (1978), para quem a leitura literária é uma prática social mediada pela linguagem e pelas interações entre leitores, mediadores e contextos culturais compartilhados.

A análise proposta dedica especial atenção à presença da tradição oral na obra — manifestada pela estrutura narrativa próxima aos contos populares, pelo ritmo do repente e

pela centralidade da viola como símbolo de resistência e diálogo. Em *Zé Orfeu*, a integração entre voz, imagem e texto atua como facilitadora da apropriação da linguagem literária pela criança, sobretudo quando mediada por práticas de leitura compartilhada.

Desse modo, a contribuição original deste estudo reside em demonstrar, por meio de uma abordagem qualitativa e interpretativa, que *Zé Orfeu e a Viola Mágica* não se reduz a um exemplo de literatura infantil regionalista. Antes, constitui um caso paradigmático em que o hibridismo cultural e os elementos da tradição oral funcionam como estratégias estéticas para salvaguardar o estatuto literário da obra (resistindo ao didatismo utilitário) e, simultaneamente, para potencializar a mediação da leitura como espaço de desenvolvimento da zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 1978). Ao oferecer à criança o direito à fabulação humanizadora, que, conforme Cândido (2011), protege contra a mutilação da personalidade, a obra reafirma a literatura infantil como prática de resistência simbólica e de afirmação das culturas populares brasileiras.

Espera-se, com este artigo, contribuir para o debate contemporâneo sobre a formação do leitor, reafirmando a importância de práticas de mediação que respeitem a autonomia estética da criança e valorizem a riqueza das raízes culturais brasileiras, em diálogo crítico com tradições clássicas e com os aportes mais recentes da crítica literária latino-americana.

Literatura como direito e literatura infantil

A concepção de literatura como direito humano, formulada por Cândido (2011), oferece aporte fundamental para compreender sua relevância na formação afetiva e cultural dos leitores, incluindo a literatura infantil. Para o autor, a literatura não se restringe ao entretenimento: exerce papel essencial na construção cultural do indivíduo ao organizar emoções, ampliar repertórios linguísticos e favorecer a compreensão crítica da realidade social. Cândido (2011) atribui à literatura uma função humanizadora, na medida em que confere forma e significado à experiência humana.

Ao desenvolver o conceito de "direito à literatura", o crítico sustenta que a fruição literária constitui um direito básico do ser humano, cuja negação implica prejuízos à integridade simbólica e subjetiva. A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita, sob pena de mutilação da personalidade, pois "nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza" (Cândido, 2011, p. 186). Negar o acesso à literatura é uma

forma de violência que priva o indivíduo da capacidade de sonhar, projetar e simbolizar a própria existência.

Sob essa perspectiva, o acesso à literatura infantil pode ser compreendido como direito fundamental no processo formativo do leitor, contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade, da empatia e da capacidade crítica desde os primeiros anos de vida. Para Cândido (2011), a literatura nos humaniza ao nos obrigar a sair do próprio "eu" e vivenciar a experiência do "outro": ao ler, não apenas se entende o conceito de sofrimento; sofre-se com o personagem. A humanização promovida pela literatura confirma traços essenciais como o exercício da reflexão, o afinamento das emoções, a percepção da complexidade do mundo e o cultivo do humor (Cândido, 2011, p. 249).

Tal compreensão dialoga com o caráter ético e estético de narrativas como *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022), que possibilitam à criança o contato com valores culturais, conflitos simbólicos e experiências afetivas, favorecendo a construção de sentidos sobre o mundo e sobre si mesma. Dessa forma, a obra literária pode ser compreendida como instrumento de formação humana ao promover experiências estéticas significativas, dialogar com a cultura popular e estimular a imaginação.

A literatura infantil constitui um campo específico marcado pela articulação entre estética, cultura e formação do leitor, produzindo sentidos que ultrapassam funções utilitárias. Segundo Coelho (2000, p. 27), "a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra". A obra deve ser julgada por sua qualidade literária e pela capacidade de provocar emoção; sem o fenômeno artístico, o texto reduz-se a um manual de instruções. Assim, a literatura infantil não é um mundo à parte, mas uma forma de a criança compreender a condição humana.

Nesse sentido, a literatura infantil não deve ser reduzida a instrumento pedagógico voltado apenas ao ensino formal, pois possui valor estético próprio. Cademartori (1986, p. 24) alerta para a tensão entre "o saber sobre o mundo da literatura (que diz que o 'mundo é assim') e o ideal da pedagogia (que diz 'o mundo deveria ser assim')". Quando a mensagem pedagógica se torna excessivamente explícita ou impõe uma solução moralizante, a obra perde seu estatuto literário, convertendo-se em texto paradidático. Nesse processo, a linguagem deixa de operar pela ambiguidade e pela força simbólica próprias da literatura, servindo a uma finalidade utilitária centrada na transmissão de uma lição de moral.

Ao postular o leitor como "força histórica e criadora", Cademartori (1986) reconhece a autonomia do público infantil no processo de construção dos sentidos do texto literário. Em *Zé Orfeu e a Viola Mágica*, essa força manifesta-se quando o jovem leitor é convidado a completar e ressignificar a narrativa, transformando a herança do mito grego em experiência pessoal e contemporânea. O estatuto literário da obra é assegurado não apenas pelo texto de José Domingues, mas pela capacidade da narrativa de mobilizar a criatividade interpretativa de quem a lê.

Leitura literária e mediação

A teoria histórico-cultural de Vygotsky (1978) constitui referencial significativo para compreender a leitura literária como prática social inserida em contextos culturalmente mediados. O desenvolvimento humano não é um processo isolado, mas resultado das interações sociais, nas quais a linguagem desempenha papel central como instrumento de mediação.

Leite e Barros (2024), analisando a teoria vygostskiana, afirmam que

O desenvolvimento cognitivo é, em sua essência, um processo social que se torna individual. Isso significa que o ambiente social e as interações que a criança tem com outras pessoas são cruciais para o seu desenvolvimento cognitivo, e que a individualidade da criança é construída a partir dessas experiências coletivas (Leite; Barros, 2024, p. 37-38).

Assim, a leitura literária não se reduz à decodificação individual de signos, mas envolve múltiplos processos de mediação realizados por diferentes agentes (professores, família, práticas culturais). A mediação é essencial para que o leitor estabeleça relações entre o texto e suas experiências e referências culturais compartilhadas.

Narrativas como *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022) favorecem esse processo ao envolver temas como música, mito e oralidade, que dialogam com o repertório sociocultural da criança. A leitura mediada assume papel central no desenvolvimento cognitivo e cultural, favorecendo a progressão na zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 1978) e potencializando a formação crítica, a imaginação e a construção de sentidos.

Esse fenômeno manifesta-se na trajetória cultural do indivíduo em dois níveis distintos: primeiramente, ocorre a internalização de funções no plano social, por meio da mediação interpessoal; em um segundo momento, essas mesmas funções consolidam-se no plano psicológico, transformando-se em categorias intrapsíquicas que compõem a arquitetura

cognitiva interna.

Nesse sentido, a leitura literária não pode ser compreendida como um simples ato individual de decodificação de signos, mas como uma prática social complexa que envolve múltiplos processos de mediação, realizados por diferentes agentes, como o professor, a família e o conjunto de práticas culturais presentes no ambiente de leitura. A mediação é, portanto, essencial para a atribuição de sentido à obra, à medida que permite ao leitor estabelecer relações entre o texto e suas experiências, valores e referências culturais compartilhadas.

A mediação da leitura literária favorece, assim, a construção ativa de sentidos e o envolvimento do leitor no processo de interpretação, sobretudo quando o texto mobiliza elementos presentes na cultura compartilhada da criança. Narrativas como *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022) podem favorecer esse processo ao envolver temas relacionados à música, ao mito e à oralidade, dimensões culturais que dialogam com o repertório sociocultural do leitor infantil e contribuem para uma experiência de leitura significativa.

Sob essa ótica, a leitura mediada assume papel central no desenvolvimento cognitivo e cultural da criança, pois favorece a progressão na zona de desenvolvimento proximal, possibilitando que o leitor avance em suas capacidades por meio das interações com o outro e com a obra literária. Dessa forma, a literatura, mediada socialmente, potencializa não apenas o desenvolvimento da linguagem, mas também a formação crítica, a imaginação e a construção de sentidos do leitor.

Método

A pesquisa insere-se no campo dos estudos qualitativos, de natureza bibliográfica, teórica e analítico-interpretativa, conforme perspectivas da crítica literária e dos estudos da literatura infantil. A abordagem fundamenta-se na literatura como experiência estética e prática humanizadora (Candido, 2011) e na literatura infantil como espaço de fruição e construção de sentidos (Cademartori, 1986; Coelho, 2000). O objetivo central é refletir sobre a leitura literária infantil a partir da tradição oral, tomando como objeto a obra *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (Domingues, 2022), em diálogo com a Teoria Histórico-Cultural (Vygotsky, 1978) e estudos sobre mediação e letramento (Rodrigues, 2017).

O estudo não envolve aplicação prática em contexto escolar nem coleta de dados empíricos. A investigação concentra-se na análise da obra como objeto cultural e estético,

fundamentando-se em revisão bibliográfica e análise crítica de textos acadêmicos. Os referenciais teóricos centrais são Candido (2011), Cademartori (1986) e Vygotsky (1978).

A obra é analisada a partir de leitura integral e interpretativa, identificando elementos da tradição oral: musicalidade, estrutura próxima aos contos populares, repetição, simbolismo e diálogo com a cultura popular brasileira. A análise não visa avaliar a obra sob critérios pedagógicos, mas compreendê-la como produção literária infantil que dialoga com práticas culturais e o imaginário infantil.

Foram definidas quatro categorias analíticas: (a) literatura infantil como experiência estética e cultural; (b) tradição oral e cultura popular; (c) mediação da leitura e práticas sociais de leitura; (d) dimensão humanizadora da literatura. O procedimento analítico é interpretativo qualitativo, compreendendo a obra como discurso cultural produtor de sentidos.

Embora o estudo dialogue com o contexto educacional, não avalia intervenções pedagógicas nem apresenta resultados empíricos. O foco reside na reflexão teórica e na análise crítica da obra, articulando literatura e teoria sem reduzir o texto literário a instrumento pedagógico.

Tradição oral e práticas de leitura literária

A comunicação oral surgiu antes da modalidade escrita e ainda se constitui na forma comunicativa mais utilizada em todo o mundo. Sua centralidade nos processos de ensino e socialização é reafirmada na contemporaneidade pelas tecnologias digitais, que, ao integrarem voz e imagem, potencializam o alcance do discurso oral nas interações humanas.

A tradição oral representa um dos fundamentos da cultura popular e desempenha papel significativo na formação do imaginário infantil. Segundo Rodrigues (2017), os gêneros de tradição oral podem figurar em processos de letramento:

Julgo ser num espaço em que o oral permeia o escrito que a escritura ganha sentido, porque se volta para um contexto de interação verbal real, processo de identificação em que subjetividades dialogam no sistema linguístico mediante práticas socioculturais de sujeitos envolvidos com a ação e a atualização da linguagem humana (Rodrigues, 2017, p. 52).

A oralidade insurge como necessário no ensino de linguagens, em que o fenômeno do letramento deve ultrapassar o mundo da escrita. A oralidade e a cultura podem ser abordadas no ensino de linguagens de maneira conjunta, tendo em vista que uma corresponde, respectivamente, a outra. Isso contribui para que a criança perceba sua cultura atrelada às

práticas situacionais de oralidade. Nessa perspectiva, as narrativas orais como contos, causos, cantigas, lendas, histórias populares, entre outros gêneros da tradição oral, caracterizam-se pela musicalidade, pela repetição, pelo uso de fórmulas narrativas e pelo forte conteúdo simbólico, elementos que favorecem a construção de sentidos e a apropriação da linguagem literária desde a infância. Essas manifestações culturais antecedem a escrita e permanecem como importantes mediadoras do contato inicial da criança com a narrativa e com a ficção.

No âmbito da leitura literária, a presença da oralidade amplia as possibilidades de interação com o texto, valorizando práticas que envolvem a escuta atenta, a interpretação coletiva e a partilha de sentidos. A leitura, nesse contexto, deixa de ser uma atividade silenciosa e individual para assumir um caráter social e dialógico, no qual a voz, o ritmo e a performance contribuem para a compreensão e para o envolvimento do leitor.

Na obra *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022), os elementos da tradição oral manifestam-se por meio da musicalidade, da estrutura narrativa próxima aos contos populares e da valorização da cultura oral, aproximando o texto das histórias transmitidas de geração em geração. Essa aproximação favorece práticas de leitura literária que dialogam com o repertório cultural das crianças, tornando a experiência de leitura mais significativa e acessível, especialmente quando mediada de forma crítica e sensível pelo professor.

Nesse sentido, a obra também favorece práticas de leitura que exploram o diálogo entre diferentes tradições culturais, ao aproximar elementos da oralidade popular de uma releitura simbólica do mito de Orfeu, ampliando as possibilidades de mediação e de construção de sentidos no contexto escolar.

A obra *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022), de José Domingues, insere-se nesse contexto ao recuperar elementos da tradição oral brasileira, como a musicalidade, o mito e a narrativa popular, reelaborando-os em uma linguagem acessível ao público infantil sem esvaziar sua densidade simbólica. A presença da viola como elemento central da narrativa aproxima o texto das manifestações culturais populares, reforçando o diálogo entre literatura escrita e oralidade.

Além do diálogo com a tradição oral brasileira, a obra *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022) estabelece uma relação intertextual com o mito de Orfeu, oriundo da tradição clássica, ao ressignificar a figura do músico cuja arte possui força simbólica transformadora. Ao deslocar esse mito para um contexto cultural popular, a narrativa aproxima referências da cultura clássica do universo infantil, preservando o valor simbólico da música como elemento de encantamento, expressão e mediação cultural.

Ao articular as contribuições teóricas de Cademartori (1986), Candido (2011) e Vygotsky (1978), compreende-se que a literatura infantil, ao dialogar com a tradição oral, potencializa seu papel formativo ao integrar dimensão estética, cultural e humana. Nesse sentido, a leitura literária configura-se como uma prática social relevante no contexto educacional, capaz de promover a formação do leitor, o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação e da construção de sentidos sobre o mundo e sobre si mesmo.

Obra *Zé Orfeu e a Viola Mágica*

Zé Orfeu e a Viola Mágica (2022), de José Domingues, é uma aventura infantojuvenil que narra a trajetória de Zé Orfeu, jovem violeiro nordestino em busca do dom da música e do amor de Maria Eurídice. Ele utiliza sua "viola mágica" para enfrentar desafios que mesclam mitologia clássica e folclore brasileiro (Caipora, Saci, Cuca, Lobisomem, Iara). O sertão, cenário da narrativa, não é apenas pano de fundo, mas personagem vivo que interage com a música de Zé. A narrativa utiliza rima e ritmo típicos da oralidade, aproximando o erudito do popular.

A narrativa de José Domingos de Almeida opera na intersecção entre o Mito de Orfeu e a cosmovisão sertaneja. O mito de Orfeu (1983), conforme consolidado nas tradições clássicas de Virgílio e Ovídio, representa a máxima apoteose do poder da arte sobre a finitude humana. De acordo com Salema (2014), na narrativa helênica, Orfeu, filho de Apolo e da musa Calíope, domina a lira com tal maestria que é capaz de suspender as leis da natureza, amansando feras e movendo pedras. Sua descida ao Hades — a catábase — configura-se como um ato de desafio à ordem cósmica em nome do amor por Eurídice. No entanto, a tragédia grega encerra-se com a fragmentação do herói: ao falhar na condição de não olhar para trás, Orfeu perde definitivamente sua amada e acaba despedaçado pelas bacantes, simbolizando uma arte que, embora divina, sucumbe à fragilidade da psique humana e ao rigor implacável do destino.

Essa estrutura arquetípica é reconfigurada na obra de José Domingos de Almeida, onde o misticismo grego cede lugar ao realismo do sertão paraibano. Em *Zé Orfeu e a Viola Mágica*, a lira é substituída pela viola de pinho, e o herói grego é transfigurado no violeiro sertanejo, figura central da oralidade e da resistência popular. A relação entre as obras estabelece um diálogo de hibridismo cultural: enquanto o Orfeu clássico é um semideus movido por um dom olímpico, Zé Orfeu é um homem comum cuja "magia" provém de sua

conexão com a terra e com a tradição do repente. O submundo deixa de ser um espaço geográfico de sombras e torna-se um "sertão de dentro", um espaço simbólico onde as provações do herói refletem as agruras da própria existência nordestina.

Para explicitar como as categorias mitológicas são ressignificadas na narrativa de José Domingos de Almeida, apresenta-se a seguir um quadro comparativo que sistematiza as principais substituições simbólicas e suas respectivas justificativas teóricas.

Quadro 1 – Correlação entre a matriz clássica e a releitura regionalista

Elemento Estrutural	Tradição Grega	Obra de José Domingos	Significado
Protagonista	Orfeu: Semideus, aristocrata da arte e filho de musa.	Zé Orfeu: Violeiro popular, representante do homem comum ("Zé").	Transfere o dom artístico do plano divino para o plano humano e social.
Instrumento	Lira: Cordofone de status erudito e harmonia celestial.	Viola de Pinho: Instrumento símbolo do repente e da resistência cultural.	A viola ressoa a oralidade do Nordeste, legitimando o saber popular como arte superior.
Submundo	Hades: Reino das sombras regido por leis metafísicas rígidas.	Sertão: Espaço de "visagens", lendas locais e aridez.	O medo do desconhecido é traduzido pelo misticismo folclórico brasileiro, aproximando o leitor da trama.
Desafio	Catábase: Descida física aos infernos para resgatar a amada.	Entrar na caverna da Cuca para resgatar a amada.	A busca pela vida (Eurídice) em meio à morte (Sertão seco) espelha a luta pela sobrevivência.
Linguagem	Épica/Trágica: Versos clássicos, distantes do cotidiano.	Estética do Cordel: Rimas, métricas populares e oralidade marcada.	A rima e o ritmo do cordel garantem o "estatuto literário" através da musicalidade nativa.
Desfecho	Morte e Silêncio: Fragmentação do corpo do herói (tragédia).	A união do sertanejo com entidades do folclore e o resgate da amada.	Reflete a ética sertaneja de transformar a dor em força criadora, mantendo a "quota de humanidade" viva.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026)

Ao substituir a lira pela viola, José Domingos não apenas muda o objeto, mas altera o lugar de fala do herói. Como aponta Candido (2011), essa organização dos elementos "liberta do caos" a experiência do leitor nordestino, permitindo que ele se reconheça no mito universal

através de seus próprios signos. O texto não se limita a uma transposição passiva, mas estabelece uma "antropofagia" literária, onde o clássico é digerido e re-significado pelo repertório cultural do Nordeste brasileiro.

Diferente da lira de Orfeu, que possui uma natureza puramente divina (dada por Apolo), a viola de Zé Orfeu é apresentada como um objeto de sincretismo. Ela é "mágica" não apenas por uma concessão metafísica, mas por ser a extensão do braço do sertanejo. A música de Zé Orfeu atua como um elemento de *mimesis* com a natureza. Enquanto o Orfeu grego paralisava o Rio Estige, Zé Orfeu utiliza seu ponteado para dialogar com a fauna e a flora do semiárido, sugerindo que a arte é a única linguagem capaz de romper a mudez imposta pela miséria e pela seca.

A viola é o símbolo da "peleja". Na tradição do repente, o músico é um guerreiro das palavras. Assim, a magia da obra reside na agência do sujeito, que utiliza sua técnica (a música) para negociar com forças que estão além do plano humano.

A escrita de José Domingos é um campo de forças entre a norma culta e a variante dialetal nordestina. O autor utiliza recursos como a aliteração e a métrica do cordel para garantir que o leitor "ouça" a viola enquanto lê. Ao colocar um "Zé" (nome genérico do povo) no papel do maior músico da mitologia ocidental, Domingos promove uma democratização do acesso ao mito, retirando-o do pedestal da elite intelectual.

A análise teórico-interpretativa da obra *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022) permite evidenciar a forma como a narrativa dialoga com pressupostos centrais da literatura infantil, da tradição oral e das teorias que compreendem a leitura literária como prática social, mediada pela cultura nordestina.

Um dos aspectos mais significativos observados na obra refere-se à presença estruturante da tradição oral, perceptível tanto na organização narrativa quanto na centralidade da musicalidade como elemento simbólico. A viola, instrumento típico da cultura popular brasileira, não atua apenas como objeto narrativo, mas como mediadora da experiência estética e cultural do personagem e do leitor. Esse elemento aproxima a obra das narrativas orais tradicionais do nordeste brasileiro, nas quais a música, o ritmo e a repetição exercem papel fundamental na construção de sentidos, confirmando o que apontam os estudos sobre oralidade e cultura popular no âmbito da literatura infantil.

Nesse sentido, a obra exemplifica a compreensão da literatura infantil como experiência estética e cultural, conforme defendido por Cademartori (1986), ao não se reduzir a uma função moralizante ou exclusivamente pedagógica. A narrativa apresenta densidade

simbólica, mobiliza imagens poéticas e articula elementos do imaginário coletivo, possibilitando ao leitor infantil uma experiência de fruição que ultrapassa a simples decodificação do texto. Tal característica reforça a ideia de que a literatura destinada à infância deve ser reconhecida por seu valor literário, e não apenas por sua utilidade escolar.

Ao dialogar com a concepção de literatura como direito humano, formulada por Candido (2011), a obra evidencia seu potencial humanizador ao oferecer ao leitor infantil a possibilidade de contato com conflitos simbólicos, emoções e valores culturalmente construídos. A trajetória do personagem, mediada pela música e pela tradição popular, favorece a organização da experiência sensível do leitor, contribuindo para a ampliação da imaginação, da empatia e da percepção crítica do mundo. Dessa forma, *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022) materializa, no plano literário, o princípio de que a literatura é elemento indispensável à formação humana, com ênfase na fase em que o desenvolvimento humano necessita de mais atenção e mediação: a infância.

Sob a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (1978), a obra também se revela fértil para a compreensão da leitura literária como prática social mediada. Os elementos da oralidade presentes na narrativa, como a musicalidade, a estrutura repetitiva e o diálogo com mitos e narrativas populares, favorecem práticas de leitura compartilhadas, nas quais a escuta, a interação e a mediação assumem papel central. Embora o estudo não envolva aplicação em contexto escolar, a análise permite inferir que a obra apresenta potencial para leituras mediadas que ampliem a zona de desenvolvimento proximal do leitor infantil, possibilitando a construção de sentidos por meio da interação com o outro e com o texto.

A mediação da leitura, nesse contexto, não se limita à explicação do conteúdo, mas envolve a criação de espaços de diálogo, interpretação e partilha de sentidos, nos quais o texto literário atua como instrumento cultural. A obra analisada favorece esse tipo de mediação ao dialogar com referências culturais compartilhadas, tornando a experiência de leitura mais acessível e significativa para a criança. Tal característica confirma a concepção vygotskyana de que a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrem nas interações sociais mediadas pela linguagem.

Outro resultado relevante da análise diz respeito à articulação entre estética, cultura e formação do leitor. A obra não apresenta uma narrativa linear simplificada, mas constrói sentidos por meio de símbolos, imagens e elementos culturais que exigem do leitor uma postura ativa diante do texto. Essa exigência contribui para a formação de leitores mais

sensíveis e críticos, capazes de atribuir significados e de relacionar a narrativa com suas próprias experiências e com o contexto sociocultural em que estão inseridos.

A discussão busca apontar que a obra analisada não apenas dialoga com os referenciais teóricos mobilizados, mas também tensiona concepções reducionistas da literatura infantil, ao demonstrar que narrativas voltadas à infância podem conjugar densidade simbólica, valor estético e relevância cultural. Assim, a literatura infantil, quando ancorada na tradição oral e mediada de forma consciente, consolida-se como espaço privilegiado de formação humana e cultural no contexto educacional.

Considerações finais

A análise da obra *Zé Orfeu e a Viola Mágica* (2022) evidencia que a literatura infantil, quando desvinculada de amarras utilitaristas, consolida-se como espaço de resistência estética e afirmação identitária. Ao transfigurar o mito de Orfeu pela viola e pelo cordel, José Domingues democratiza o acesso ao cânone clássico e legitima a cultura popular como saber universal. Esse hibridismo cultural permite à criança reconhecer no texto sua própria "quota de humanidade" (Candido, 2011), satisfazendo a necessidade de fabulação indispensável à organização do caos interior.

O êxito da narrativa reside na manutenção de seu estatuto literário frente às pressões pedagógicas. Ao preservar a ambiguidade e a densidade simbólica da jornada do herói, o autor evita o didatismo doutrinário, convidando o leitor a assumir seu papel de força histórica e criadora (Cademartori, 1986). A tensão entre real e ideal resolve-se pela via da arte: o "mundo como ele é" no sertão, marcado por perdas, é elevado à categoria de mito, oferecendo ao jovem leitor ferramentas sensíveis para interpretar as complexidades da vida sem lições de moral simplistas.

Sob a ótica das práticas de leitura, a obra constitui-se como dispositivo de mediação sociointeracionista. Os elementos de oralidade, musicalidade e ritmo do repente favorecem o desenvolvimento da zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 1978), transformando a leitura compartilhada em prática social rica em trocas simbólicas. O encontro entre a voz do mediador e a imaginação do leitor, potencializado por um texto que "se deixa ouvir", reafirma a importância de práticas de letramento que valorizem as raízes culturais.

Este estudo apresenta limitações que devem ser consideradas. Primeiramente, por tratar-se de análise qualitativa e interpretativa sem coleta de dados empíricos, os resultados

não permitem generalizações sobre os efeitos da obra em diferentes contextos de mediação ou perfis de leitores. Em segundo lugar, a investigação concentrou-se exclusivamente na obra de José Domingues, não abrangendo um corpus mais amplo da literatura infantil nordestina contemporânea que pudesse oferecer comparativos ou identificar tendências do campo. Recomenda-se, para pesquisas futuras, a realização de estudos empíricos que avaliem a recepção da obra por crianças em diferentes faixas etárias e contextos socioculturais, bem como análises comparativas com outras produções da literatura infantil brasileira que operam com hibridismo cultural semelhante.

Zé Orfeu e a Viola Mágica é obra relevante para a formação de leitores críticos e sensíveis no Brasil contemporâneo. Ao unir o Olimpo ao Sertão, José Domingues reafirma o direito à literatura como direito à humanização, provando que a arte rompe as mudezes impostas pela realidade geográfica e social. Espera-se que este estudo inspire práticas de mediação literária que priorizem o valor estético e a tradição oral, garantindo às futuras gerações de leitores uma palavra literária que não se reduza ao dever escolar, mas que se configure como caminho para a compreensão de si e do mundo.

Referências

ALVES, Suelma dos Reis Pereira; SANTIAGO, Leia Adriana da Silva; CARVALHO, Marco Antônio de; SOUZA, Rosita Camilo de. **A teoria histórico-cultural e o trabalho na educação profissional e tecnológica**. *Research, Society and Development*, Vargem Grande Paulista, v. 11, n. 15, p. 1–12, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3078>. Acesso em: 20 jan. 2026.

BAJOUR, Cecilia. **Ler e escrever: espaços de aventura entre a palavra e o imaginário**. Tradução de Felipe G. S. Silva. Porto Alegre: Penso, 2012.

CADEMARTORI, Maria Antonieta Antunes Cunha. **O que é literatura infantil**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169–191.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COMMELIN, Pierre. **Nova Mitologia Grega e Romana**. Tradução brasileira de Thomaz Lopes. Rio de Janeiro: F. Briguiet Editores, 1983.

DOMINGUES, José. **Zé Orfeu e a Viola Mágica**. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2022.

LEITE, Francisco Edson Pereira; BARROS, João Luiz da Costa. **Teoria Histórico-Cultural: Fundamentos Essenciais**. Manaus, AM: EDUA, 2024.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

RODRIGUES, Lylian Perloiro. O oral e o escrito em práticas e eventos de letramento. In: NORONHA, Claudianny Amorim; SÁ JÚNIOR, Lucrecio Araújo de. (Orgs.). **Escola, ensino e linguagens**. Natal: EDUFRN, 2017.

SALEMA, Vivian de Azevedo Garcia. O MITO DE ORFEU NAS METAMORFOSES DE OVÍDIO. **Principia**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 1–8, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/principia/article/view/13982>. Acesso em: 28 jan. 2026.

SILVA, Euzilene Carvalho da; RIBEIRO, Janete Santa Maria. **A importância da literatura na educação infantil**. 2015. 47 f. Dissertação (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

Disponível em:

https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20537/1/MD_EDUMTE_II_2014_51.pdf.

Acesso em: 24 jan. 2026.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; COLE, Michael; JOHN-STEINER, Vera; SCRIBNER, Sylvia; SOUBERMAN, Ellen. **Mind in society: the development of higher psychological processes**. Cambridge: Harvard University Press, 1978. Disponível em:

<https://home.fau.edu/musgrove/web/vygotsky1978.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2026.

Recebido: janeiro/2026.

Aprovado: maio/2026.

Publicado: junho/2026.